Ana Luísa Janeira

A técnica de análise de conteúdo nas ciências sociais:

natureza e aplicações

A análise de conteúdo, muito usada actualmente, possibilita às ciências sociais o emprego de uma técnica que, mormente quando articulada e completada por outros instrumentos de estudo, é incontestàvelmente fecunda. Interessa, pois, que se conheçam as suas características essenciais, as fases de desenvolvimento por que tem passado e, muito naturalmente, os campos mais representativos em que tem vindo a dar provas, bem como os problemas específicos que em cada um deles levanta. São estes, na verdade, os aspectos focados no presente artigo, que, situando-se a um nível puramente descritivo, tem como objectivo apresentar também exemplos da sua utilização.

1. Finalidades e plano do artigo

Procura-se estudar neste trabalho as aplicações da análise de conteúdo nas ciências sociais. Porque esta técnica é relativamente recente, pouco conhecida entre nós e implica, por si, certos problemas gnoseológicos e metodológicos, começa-se por dar uma ideia daquilo que a define, seguida de uma história sumária do seu desenvolvimento. Estudam-se depois, em pormenor, algumas das suas implicações concretas, fecundidade e limites. Este estudo não pretende ser nem exaustivo, nem crítico. Limitar-nos-emos, pois, a orientar a exposição a um nível meramente descritivo, segundo uma preocupação didáctica de base: fornecer uma informação sintética sobre os caracteres específicos desta técnica, os momentos históricos da sua evolução, os vários tipos de aplicação e a fecundidade dos seus resultados.

2. Definição da análise de conteúdo

À primeira vista, poder-se-á pensar que a análise de conteúdo — pelas suas características e seu vasto campo de aplicação, que

tocam, por vezes, a literatura [1], a linguística [2], a psicologia [3], a história [4], etc. — se identifica com a hermenêutica destas disciplinas, ou, quando muito, só se distingue delas por pretender obter objectos diferentes e de interesse para as ciências sociais. A mesma confusão é possível se se visa a orientação metodológica e, então, pensa-se que, neste particular, só existe uma pequena diferença — maior exigência de rigor e de objectividade.

É certo que esta análise pode incidir sobre qualquer tipo de comunicação — oral ou escrita, imagética ou textual [5] — e que é mais enquanto metodologia que como campo de investigação que se diferencia de outras exegeses. Ao impressionismo e intuição, à dependência subjectiva do investigador — no que ele é e lhe interessa — opõe a tendência à quantificação e estandardização: apresenta os dados de modo a poderem ser tratados cientìficamente. Por isso, implica certas qualidades que, no caso de estarem ausentes, anulam a sua validade e fecundidade. Assim, B. BERELSON, depois de inventariar e agrupar uma série de definições já dadas e que ele próprio sujeitou à crítica [6], apresentou esta: «a análise de conteúdo é uma técnica de investigação para a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.» [7] Definição esta que, por sua vez, já tem sido superada por alguns estudiosos desta técnica que encaram de um modo mais maleável as exigências apresentadas por BERELSON. Com efeito, para este último, a sua validade decorria de certas exigências:

a) É necessário que toda e qualquer forma de subjectivismo seja anulada, pois, de contrário, os resultados não podem ser considerados fiéis;

b) Deve ter sempre em linha de conta todos os elementos que poderão servir o fim pretendido, isto é, deve ser exaustiva e sistemática;

c) Como as ciências sociais procuram, e cada vez mais, apresentar os seus resultados sob forma quantificada, terá de calcular também as frequências, se bem que por vezes *a medida* possa, em sentido rigoroso, estar ausente [8].

Quando se estuda toda a complexidade temática sobre que pode incidir esta técnica, ela aparece-nos com uma enorme elasticidade, abarcando tudo o que é comunicação social. Por outro lado, se a visarmos nas suas exigências metodológicas, descobrimos que implica uma formação especial da parte do investigador, bem como o auxílio de outras técnicas e processos de análise social.

---

[1] Cf. R. PINTO e M. GRAWITZ, *Méthodes des Sciences Sociales*, Paris, Dalloz, 1964, vol. II, p. 495.
[2] ID., *ibid.*, p. 496.
[3] ID., *ibid.*, mesma página.
[4] ID., *ibid.*, mesma página.
[5] Cf. W. BEST, *Como Investigar en Educación*, versão e adaptação de G. Gonzalo MAINER, Madrid, Ed. Morata, 1967, p. 75.
[6] Cf. B. BERELSON, «Content Analysis», in Gardner LINDSEY, ed., *Handbook of Social Psychology*, Harvard University Press, 1967, pp. 488-489.
[7] ID., *ibid.*, p. 489.
[8] Cf. R. PINTO e M. GRAWITZ, *op. cit.*, p. 498.

Por isso, segundo A. A. MOLES, a análise de conteúdo procura definir e inventariar os «átomos da cultura» [9]; coloca-se mais ao nível «de uma estatística» que «de uma dinâmica da cultura». O seu objectivo específico será captar na «torrente das mensagens saídas de uma sociedade humana — ou dos indivíduos —, transmitidas ou conservadas pelos *mass-media,* uma certa quantidade de elementos suficientemente constantes, evidentes e homogéneos para se estabelecer um inventário. Cada um dos elementos encontrar-se-á, pois, ligado a um índice de frequência ou de importância e colocado numa ordenação, segundo uma lei, tornando-se acessível, pelo menos em princípio, ao observador — ao sociólogo da cultura» [10]. E, ao referir-se directamente aos meios de comunicação de massa, este autor lembra-nos que estes, num dado momento e num certo lugar, produzem um conjunto de mensagens que é possível estudar-se objectivamente, constituindo-se, assim, «*o quadro sociocultural* de que a análise de conteúdo dita 'temática' nos dará a estrutura estatística» [11]. A constituição deste quadro está subordinada a uma técnica e implica, como é natural, toda uma gama de exigências e requisitos de ordem metodológica.

3. Momentos mais importantes do desenvolvimento histórico da técnica de análise de conteúdo

Nos últimos trinta anos, esta técnica tem obtido um grande desenvolvimento. Quer pelo número de aplicações anuais, quer pelos assuntos estudados, é possível avaliar esta expansão.

É curioso notar que já em 1938 o professor THOMAS, da Universidade de Chicago, em colaboração com o polaco ZNANIECKI, no intuito de estudar os problemas relacionados com os imigrantes polacos nos Estados Unidos da América, sujeitou a «uma espécie de análise de conteúdo» [12] um vasto conjunto documental (cartas pessoais, arquivos paroquiais, relatórios de tribunais e de organismos de carácter social). Os resultados deste estudo, focando especialmente «atitudes» e valores, apareceram publicados sob o título de *The Polish Peasant in Europe and America.*

De início começou a ser empregue pelos estudiosos do jornalismo, que se serviam dela para conhecerem o conteúdo dos jornais. Esta investigação «culminou no estudo de Malcolm WILLEY, *The Country Newspaper,* em 1926» [13]. Por sua vez, os estudiosos de literatura, ao fazerem investigação estilística [14], deram tam-

---

[9] A. A. MOLES, *Sociodynamique de la Culture,* Mouton, Paris-Haia, 1967, p. 33.

[10] ID., *ibid.,* p. 37.

[11] ID., *ibid.,* p. 42.

[12] Th. CAPLOW, *L'Enquête Sociologique,* A. Colin, Paris, 1970, p. 22.

[13] B. BERELSON, *op. cit.,* p. 489.

[14] Sobre a importância da literatura, estilística, etc., para as ciências sociais, ver E. KOEHLER, «Les possibilités de l'interprétation sociologique illustrées par l'analyse de textes littéraires français de diférents époques», in *Litérature et Société — problèmes de méthodologie en Sociologie de la Litérature,* Université Libre de Bruxelles, Bruxelas, 1967, p. 48.

bém um contributo para as primeiras tentativas da sua utilização [15].

No entanto, embora se possa considerar que já antes de LASSWEL existiam tais estudos, é um facto que foi ele quem se preocupou pela primeira vez com exigências de ordem técnica [16], quando analisou certos temas da propaganda dos diferentes países, durante a primeira guerra mundial [17]. Este conflito sugeriu também outras pesquisas na Alemanha e nos Estados Unidos, mas foi especialmente entre 1939 e 1945 que passou a haver a preocupação sistemática de pôr este processo ao serviço da estratégia militar. Com efeito, a propaganda nazi foi de tal modo explorada pela rádio inglesa, que esta chegou a prever, pelo conteúdo das informações, movimentos do inimigo [18].

Como vemos, no início, esta técnica esteve estreitamente ligada a fins de ordem militar e política; foi aí que a sua expansão e fecundidade começaram por se manifestar. O facto de ter sido, então, empregue em casos muito concretos e em que o rigor e a quantificação importavam teve certas consequências: positivas umas, negativas outras. Permitiu que se provasse a utilidade, o valor dos dados fornecidos. Mas, por outro lado, a exigência de estandardização limitou-a muito ao estritamente quantitativo; reduziu-lhe muito os campos na prática; deixou-a, de princípio, numa subordinação exagerada ao quantitativo numerável. A objectivação, nesta técnica, deve ser procurada com certo cuidado. É de ter sempre presente que é pernicioso confundir rigor e estatística. Não é pelo facto de se medir que se está a trabalhar com maior validade científica. Embora seja de ter presente, como ideal a atingir, obter frequências, conseguir uma graduação, o que importa é «encontrar um ponto de equilíbrio entre o qualitativo e o quantitativo, tanto nos seus objectivos, como nas suas técnicas» [19].

Como é natural, as aplicações práticas desta técnica têm feito surgir muitos problemas de ordem teórica e exigido, por sua vez, o aperfeiçoamento e estudo da metodologia.

No entanto, é preciso não esquecer que se não pode pedir a este processo de investigação todo e qualquer tipo de informação. Não está ainda apetrechado para fornecer todo e qualquer género de dados. Ainda que forneça elementos preciosos e úteis, é sempre conveniente usá-lo recorrendo-se, paralelamente, a outro tipo de informação — a que dê e de que receba resultados e *contrôle* [20].

---

[15] Cf. B. BERELSON, *op. cit.*, p. 499.

[16] Cf. H. D. LASSWEL, *Propagande Technique in World Year*, Nova Iorque, 1927; ver também R. PINTO e M. GRAWITZ, *op. cit.*, p. 499, e S. MOSCOVICI, *La Psychanalyse, son Image et son Public*, Paris, P. U. F., pp. 440-441.

[17] Cf. R. PINTO e M. GRAWITZ, *op. cit.*, p. 499.

[18] ID., *ibid.*, mesma página.

[19] ID., *ibid.*, p. 400.

[20] Assim, P.-H. C. de LAUWE (*in* P.-H. C. e M. J. C. de LAUWE, S. MOLLO e outros, *Images de la Culture — Premiers éléments de la recherche en France*, Paris, 1966, nota 3, pp. 12-13) lamenta que o inquérito nos meios urbanos e rurais (*ibid.*, pp. 137-138) — feito a cerca de 200 pessoas mediante entrevistas dirigidas e seguidas de algumas discussões de grupo — não seja completado, por falta de meios, «com um inquérito extensivo de uma amostra representativa da população» e «com estudos de casos mais aprofun-

Em vista disso, são, pois, muitos os casos em que sobre um mesmo assunto se faz incidir uma análise de conteúdo e um inquérito.

Neste particular, procura-se evitar que o emprego único da análise de conteúdo ou do inquérito possa conduzir a resultados viciados e a conclusões precipitadas. Além disso, a conjugação de ambos não só é tida como uma garantia de rigor, mas aparece também como um meio a utilizar em vista de uma melhor escolha e formulação dos itens de análise e de organização entre eles.

Isto é, a informação obtida pelo inquérito desempenha um duplo papel:

a) Por um lado, como nem todo o conteúdo é analisado (só se analisa aquilo que se adequa ao objectivo determinado anteriormente), importa fazer-se, logo de início, a escolha e formulação dos itens. Neste momento do trabalho pode-se, e por vezes isso acontece, recorrer aos resultados obtidos pelo inquérito, que ajudarão o «analista» a destrinçar o necessário do não necessário, o importante do acidental. Evitar-se-á, assim, a sobrevalorização de certos aspectos e (ou) o esquecimento de outros;

b) Por outro lado, e tendo sempre em vista a construção de um todo (todo esse estabelecido pelo enquadramento dos itens), o inquérito pode ajudar a preencher certos elos de ligação.

Por sua vez, a análise de conteúdo poderá fornecer ao inquérito elementos que se podem colocar em dois níveis:

a) Dado que, em princípio, o conteúdo é obtido por uma via mais espontânea e subjectiva, ela ajuda a ajustar as respostas e o inquérito, mesmo quando se trata de respostas abertas;

b) Além disso, para a própria correlação de variáveis é sem dúvida útil a «entrada» de elementos fornecidos por outra via.

Um exemplo disso encontra-se em *La Psychanalyse: son Image et son Public,* de S. MOSCOVICI. Ao detectar os processos inerentes ao enraizamento da psicanálise na «consciência dos indivíduos e grupos» [21], MOSCOVICI procura descobrir a «imagem social» [22] daquela através da imprensa parisiense. A utilidade deste trabalho justifica-se na medida em que estes meios de comunicação reflectem o «movimento das expressões, interpretações e paixões que agitam um período da vida de uma sociedade» [23]. Com uma análise de conteúdo «incidindo sobre a 'população' dos *documentos*» [24] articula-se um «inquérito que visa a população dos *indivíduos*» [25], e ambas são as técnicas mais adequadas a um exame científico da representação social [26]. O Autor acha que os laços entre a primeira

---

dados e análises de conteúdo de imprensa e de documentos diversos», que «teriam trazido outros dados, permitindo comentar e explicar os resultados precedentes».

[21] S. MOSCOVICI, *op. cit.*, p. 1.
[22] ID., *ibid.*, p. 408.
[23] ID., *ibid.*, mesma página.
[24] ID., *ibid.*, p. 15.
[25] ID., *ibid.*, mesma página.
[26] ID., *ibid.*, mesma página.

e o segundo são à primeira vista reduzidos [27] — «os dois estudos foram feitos independentemente: poderia ter sido útil conhecer a influência dos jornais e revistas sobre as opiniões das pessoas interrogadas. Este esquema experimental foi abandonado, não tanto pelas condições da nossa investigação, que poderiam ter sido modificadas, mas pela situação objectiva. Na verdade, como pudemos verificar, a imprensa e os espectáculos ocupam um pequeno lugar entre os meios de conhecimento da psicanálise e representam um papel reduzido, enquanto origem dos juízos que afectam a sua representação. Apesar da sua perfeição formal, o esquema descrito teria falseado o sentido de confrontação. Será necessário sublinhar ainda que o jornal e a revista só constituem *uma* das fontes de acção sobre a conduta e a opinião? Se negligenciamos estes efeitos directos, susceptíveis de justificar uma organização das relações entre o inquérito e o estudo da imprensa, não deixa de ser verdade que a imprensa é um grande meio de expansão e de informação, cuja penetração, mediata e directiva, é indubitável. As convergências, que iremos sublinhar, são disso uma prova evidente... Sob o aspecto metodológico, o inquérito ajudou-nos a fazer a análise de conteúdo dos artigos examinados» [28].

Efectivamente, segundo MOSCOVICI, o inquérito auxiliou a escolher as categorias, isto é, «as rubricas significativas, em função das quais o conteúdo será classificado e, eventualmente, qualificado» [29]. Isto permitiu que não fosse esquecido o ponto de vista daquele a quem se dirige a comunicação e evitou que a selecção das categorias fosse puramente arbitrária. Por conseguinte, a conjugação dos elementos apurados pelo inquérito com a elaboração dos princípios orientadores da análise de conteúdo garante a unidade do conjunto. Afirma também, em nota, que o «conhecimento das opiniões do público ajuda a exactidão da análise de conteúdo» [30]. Por sua vez, é certo que quem interpreta a análise de conteúdo fá-lo com maior segurança quando conhece os resultados do inquérito [31].

A amostra para esta análise de conteúdo foi constituída por 241 jornais e revistas, resultantes da análise sistemática da imprensa, feita de 1 de Janeiro de 1952 a 1 de Março de 1953, e, «a partir desta data até Julho de 1956, um gabinete de documentação especializado enviou-nos todos os recortes de imprensa relacionados com a psicanálise. No total recolhemos 1640 recortes, aparecidos em 230 jornais, 110 de Paris e 120 da província» [32]. Foram excluídos os artigos de revistas especializadas.

A investigação foi estruturada da seguinte maneira:

a) Com o fim de se estruturarem e verificarem algumas hipóteses, estabeleceram-se «listas-quadros» (*«listes-grilles»*) [33]

---

[27] S. MOSCOVICI, *op. cit.*, p. 409.
[28] ID., *ibid.*, mesma página (o sublinhado é do texto).
[29] ID., *ibid.*, mesma página.
[30] ID., *ibid.*, p. 410, nota 1.
[31] ID., *ibid.*, mesma página.
[32] ID., *ibid.*, p. 21.
[33] ID., *ibid.*, mesma página.

para quantificar e classificar o montante dos artigos, o espaço que lhes era dedicado, como era apresentada a psicanálise, os temas, as relações entre estes, etc. [34];

b) Em cada grupo de jornais foram obtidos «esquemas de mensagens» [35] e a sua organização.

Pretendeu-se obter dados sobre a «descrição da representação da psicanálise» [36] e a «interpretação dos fenómenos de comunicação» [37].

Tendo presente que as concepções psicanalíticas tiveram um campo de expansão e influência de âmbito genérico, o Autor formulou a «hipótese de uma relação íntima e directa entre a orientação ideológica das publicações e as atitudes, as rubricas onde as noções psicanalíticas são tratadas, o estilo e o objectivo dos autores dos artigos» [38]. Daí ter pretendido indagar «em que medida a interacção entre um quadro de referências e uma teoria transcende o conteúdo pròpriamente dito para inflectir por vezes, mesmo, nas propriedades formais dos textos publicados» [39].

No decorrer da análise chegou-se a várias conclusões. Porque são inúmeras, vamo-nos limitar às que nos parecem mais curiosas:

a) Relativamente à descrição e representação, «parece que, duma maneira geral, não é a imprensa de grande tiragem que propaga mais a psicanálise» [40];

b) A distribuição do conteúdo da imprensa pelas categorias definidas parece ser motivada pela orientação ideológica de cada publicação»;

c) A proporção dos artigos sobre a psicanálise é significativamente mais elevada nos órgãos da imprensa católica, da esquerda, do centro e do centro-esquerda;

d) A imprensa da direita ou a comunista apelam normalmente para esta teoria em «termos simples», publicando, por outro lado, «muito menos textos centrados nela» [41];

e) A definição que é dada de psicanálise está em relação com «o carácter do artigo, a atitude, a orientação ideológica e a categoria das publicações onde os textos se inserem» [42];

f) Por sua vez, «a atitude favorável ou reservada em relação à psicanálise está ligada à sua definição como terapêutica ou como teoria psicológica» [43]; pelo contrário, quando a atitude é desfavorável ou irónica, «qualifica-se a psicanálise de pseudo-ciência ou de mistificação» [44];

---

[34] S. Moscovici, *op. cit.*, p. 21.
[35] Id., *ibid.*, mesma página.
[36] Id., *ibid.*, p. 410.
[37] Id., *ibid.*, mesma página.
[38] Id., *ibid.*, p. 411.
[39] Id., *ibid.*, mesma página.
[40] Id., *ibid.*, p. 412.
[41] Id., *ibid.*, p. 415.
[42] Id., *ibid.*, p. 419.
[43] Id., *ibid.*, p. 420.
[44] Id., *ibid.*, mesma página.

g) Por isso, é de concluir que «os jornais e as revistas representam a psicanálise fundamentalmente como um sistema de *interpretação* e só acessòriamente como uma disciplina — teoria e técnica especializada» [45];

h) A sexualidade (25 %), o inconsciente (20 %) e finalmente a afectividade (16 %) são tidos como os principais fundamentos dessa interpretação [46].

No que respeita a «atitude, grupos e orientações ideológicas» [47], chegou-se, entre outros, a este resultado:

a) É no próprio quadro religioso que a psicanálise é considerada como fazendo parte da visão e das preocupações do grupo; a imprensa não política segue-a de perto;

b) São os quotidianos e os periódicos progressistas e comunistas que apresentam menos vezes a psicanálise como um elemento do seu universo intelectual. De facto, colocam-na de fora, «quer criticando-a, quer tomando distâncias em relação a uma teoria avassaladora» [48].

Como se pode compreender, este trabalho tem muito interesse, não só pelas informações (quase todas apresentadas em quadros) que fornece, como também, neste caso, pela metodologia que contém.

Outro estudo que também importa referir, com certo pormenor, é «Les effets des scènes de violence au cinéma et à la télévision». A. GLUCKSMANN insere, ao falar do «impacte das cenas de violência» [49], uma alínea de análise de conteúdo, «com vista a obter a proporção quantitativa das cenas de violência» [50]. O interesse deste artigo provém de conter uma análise de conteúdo aplicada a um assunto actual e muito complexo e também de permitir ver como se dá, na prática, a sua inserção noutras fases metodológicas — carácter e limites do seu contributo. Este trabalho pretende responder a três perguntas fundamentais: O que vêem os jovens no cinema? Há violência no cinema para jovens? Quais os efeitos da violência na juventude?

Segundo os dados fornecidos por E. DALE (1935), em 115 filmes policiais eram cometidos 406 crimes e em 45 desses filmes aparecia um assassínio [51]. Por sua vez, MIRAMS (1951) verifica que em 100 longas metragens haveria 659 crimes ou actos de violência [52]. E D. H. SMYTHE conclui que «a televisão nos Estados

---

[45] S. MOSCOVICI, *op. cit.*, p. 425.
[46] ID., *ibid.*, mesma página.
[47] ID., *ibid.*, p. 426.
[48] ID., *ibid.*, p. 433.
[49] A. GLUCKSMANN, «Les effets des scènes de violence au cinema et à la télévision». *Communications*, n.º 7, Paris, 1966, p. 83.
[50] ID., *ibid.*, p. 50.
[51] ID., *ibid.*, p. 85.
[52] Cf. D. W. SMYTHE, «Dimensions of violence», in *Audio-visual Communications Review*, n.º 3, 1955, pp. 58-63 (referido em A. GLUCKSMANN, *op. cit.*, p. 85).

Unidos da América transmite um acto de violência, em média, todos os dez minutos» [53]. No que respeita às personagens, verifica-se que a violência orienta as atitudes, dado que 1 personagem entre 5 é criminosa [54].

Verificando-se nestes espectáculos um índice tão elevado de actos violentos, é natural que se procure descobrir as suas repercussões no público jovem. Quanto a este problema, as opiniões divergem. Para uns, «a *quantidade* da violência é o que conta e não pode deixar de ter os seus efeitos» [55]; assim, pelo facto de aparecerem nos filmes certos comportamentos, gerar-se-ia imediatamente no público um clima favorável à agressão e à violência, o qual, inevitàvelmente, o iria influenciar e ter repercussões sociais. Esta teoria não é aceite por quem pensa que o que importa é a «*qualidade* da violência» [56], pois que «o impacte das cenas de violência varia com o contexto» [57]. Cada um, mesmo inconscientemente, apreende o objecto percepcionado enquanto integrado num conjunto, sendo este que lhe confere o seu verdadeiro sentido. Por exemplo, «as crianças interrogadas por HIMMELWEIT não se mostram de modo nenhum impressionadas pela violência dos filmes do West, manifestam um pouco mais de temor com a violência dos filmes policiais e muito mais com a dos filmes de pavor» [58]. Não se podem, por conseguinte, esquecer certas variáveis: conteúdo axiológico do acto, géneros cinematográficos, etc. A análise quantitativa do conteúdo aparece assim a HIMMELWEIT [59] como falaciosa, na medida em que «compara o que não é comparável, adicionando cenas de violência nìtidamente diferentes» [60]. Pelo facto de não terem em conta, especìficamente, a tendência valorativa do indivíduo, estes autores desprezam o filtro axiológico, que medeia entre o percepcionado e a conduta; por isso «supõem uma relação de imitação ou de condicionamento entre o *comportamento* visto e a conduta real» [61].

Um terceiro ponto de vista é apresentado pelos que crêem ser imprescindível comparar-se a qualidade da violência com a vida psíquica do jovem, não esquecendo o valor catártico do cinema. Depois de se ter verificado o número espantoso de cenas de violência, usando a análise de conteúdo, o assunto não está ainda detectado em toda a complexidade. Com efeito, às perguntas: «Qual o efeito de tais cenas? É directo? Indirecto?», só se poderá responder com um estudo comparativo das audiências [62]. Mais adiante, o Autor nota, porém, que «nem a análise do conteúdo brutal do cinema e da televisão, nem o estudo das correlações socioló-

[53] A. GLUCKSMANN, *op. cit.*, p. 85.
[54] ID., *ibid.*, mesma página.
[55] ID., *ibid.*, p. 86.
[56] ID., *ibid.*, mesma página.
[57] ID., *ibid.*, mesma página.
[58] ID., *ibid.*, mesma página.
[59] Cf. H. HIMMELWEIT, A. N. OPPENHEIM, *et alia, Television and the Child*, Oxford University Press, Londres, 1955, pp. 203-204 (referido em A. GLUCKSMANN, *op. cit.*, p. 75).
[60] ID., *ibid.*, mesmas páginas.
[61] ID., *ibid.*, mesmas páginas.
[62] ID., *ibid.*, pp. 88-97.

gicas permitiram isolar um efeito específico e 'puro' desta violência sobre o público jovem» [63]; daí que se tente «*compreender* os mecanismos qualitativos que asseguram a tradução do conteúdo dos *mass media* no comportamento dos espectadores» [64]. Feito este estudo [65], escreve: «o exame da determinação psicológica não permite inferir com clarividência um efeito nefasto ou um efeito benéfico resultante das cenas violentas» [66], embora, sem dúvida, forneça achegas para se «determinar a natureza do efeito das cenas de violência» [67]. Segue-se então o «estudo experimental do efeito das cenas de violência» [68] e a «determinação cultural do efeito das cenas de violência» [69], concluindo-se que «o conjunto dos estudos leva a insistir sobre o carácter complexo do efeito considerado e sobre as dificuldades metodológicas que se encontram ao querer-se isolá-lo na sua pureza» [70].

Em conclusão: verifica-se que o problema da quantificação da análise — por ser difícil, por ser limitada — encontra já certas vias de solução procuradas e descobertas, quer pela investigação teórica, quer pelo emprego auxiliar de outras técnicas.

4. Algumas aplicações: fecundidade e limites

4.1 *A variedade dos campos de aplicação*

Desde o início até hoje, a análise de conteúdo tem aumentado os seus campos de aplicação e tem servido para objectivos variados.

Para evitar confusões e delimitar zonas, têm surgido tentativas de sistematização. Assim, por exemplo, BERELSON, tratando dos «usos da análise de conteúdo» [71], agrupa-os tendo em conta os caracteres (forma, substância), os produtores, a audiência e os efeitos do conteúdo. Embora a enumeração seja extensa, julgo-a suficientemente elucidativa para que se justifique referi-la:

a) O primeiro caso serve para «descrever a direcção dada ao conteúdo da comunicação», «traçar o desenvolvimento da comunicação», «revelar as diferenças internacionais no que se refere ao conteúdo das comunicações», «comparar a média ou 'níveis' da comunicação», «examinar o conteúdo das comunicações, segundo os seus objectivos», «auxiliar operações das técnicas de investigação», «construir e ajudar os padrões de comunicação», «expor técnicas de propaganda», «medir a 'legibilidade'», «descobrir os caracteres dos estilos» [72];

---

[63] Cf. H. HIMMELWEIT, A. N. OPPENHEIM *et alia*, *op. cit.*, p. 97.
[64] ID., *ibid.*, mesma página.
[65] ID., *ibid.*, pp. 97-105.
[66] ID., *ibid.*, p. 105.
[67] ID., *ibid.*, mesma página.
[68] ID., *ibid.*, pp. 105-110.
[69] ID., *ibid.*, pp. 111-115.
[70] ID., *ibid.*, p. 119.
[71] B. BERELSON, *op. cit.*, p. 490.
[72] ID., *ibid.*, pp. 490-497.

b) O segundo caso permite «identificar as intenções e outras características dos comunicadores», «determinar o estado psicológico das pessoas e grupos», «detectar a existência de propaganda», «proteger a inteligência política e militar» [73];

c) O terceiro caso «revela atitudes, interesses e valores *(cultural paterns)* dos grupos da população» [74];

d) Finalmente, o quarto caso pode «revelar o foco da atenção e descrever as respostas de atitude e de comportamento às comunicações» [75].

Torna-se difícil, na verdade, estabelecer um critério único a partir do qual se enquadrem as aplicações deste método. O tipo de conteúdo, o meio e o modo como é transmitido, as pessoas a quem se destina e de quem emana, os objectivos práticos que visa, são alguns dos vários critérios que se podem seguir.

No entanto, se se tem presente o modo como a investigação foi estruturada e aplicada, podemos igualmente caracterizá-la em função de diferentes perspectivas:

a) Feita para averiguar uma ou mais hipóteses ou simplesmente para explorar campos de análise: no primeiro caso pode-se estabelecer um código, dado que nos é possível determinar, desde o início, as categorias que serão estudadas; no segundo isso já não se passa — assim, por exemplo, a análise das entrevistas que fazem parte do célebre inquérito da Western Electric permitiu a descoberta de factores não considerados anteriormente (neste caso, factores de influência que actuam sobre «o moral» dos operários);

b) Interesse pela quantidade ou, antes, pela qualidade: naturalmente, enquanto aqui a estatística apresenta um papel nulo, dado que a investigação se centra primordialmente sobre a qualidade, ali ela aparece como essencial e os resultados da análise são apresentados em números, percentagens, distribuições de frequências, correlações, etc.;

c) Limitada à contabilização ou querendo também interpretar: neste último caso, o investigador não se limita ao campo de pura descrição, mas procura também interpretar os dados, de modo a obter uma integração de informações dentro de um quadro mais vasto de análise, que lhe permitirá explicar mais profundamente o fenómeno ou fenómenos estudados [76].

Tendo de optar, decidi apresentar os exemplos em dois grandes grupos: feitos sobre *textos escritos* ou *imagens*. Cada caso particular — substância textual ou imagética — apresenta aspectos específicos.

É evidente que o tipo de análise se tem de coadunar quer com o conteúdo a ter em conta, quer com o objectivo ou objectivos que se pretende visar. Na verdade, é em função destes que aquela toma um ou outro aspecto, pelo que seria erróneo supor que há um

---

[73] B. BERELSON, *op. cit.*, pp. 498-502.
[74] ID., *ibid.*, p. 503.
[75] ID., *ibid.*, pp. 505-506.
[76] Cf. R. PINTO e M. GRAWITZ, *op. cit.*, pp. 501-506.

paradigma sistematizado que deverá ser sempre aplicado ou um «compêndio programado» a seguir em toda e qualquer situação. Não será pois exagerado dizer que cada analista de conteúdo ou cada análise de conteúdo segue uma «técnica» particular, dentro desta técnica geral. Por isso, entre os primeiros, irei falar de análises de conteúdo relativas à imprensa, à imprensa e literatura infantis e aos manuais de ensino; incluirei também aqui um estudo de conteúdo de críticas à televisão publicadas em dois jornais. Quanto ao segundo, descreverei investigações feitas ao cinema e às capas de uma revista.

4.2 *Análises de conteúdo de textos: exemplos*

4.2.1 Imprensa

Violette MORIN usou este método para averiguar quais os motivos do interesse despertado por James Bond Connery [77]. Baseou-se essencialmente, mas não exclusivamente, na imprensa parisiense: quotidianos dos oito dias e semanários dos quinze dias posteriores à projecção em Paris (Fevereiro de 1965) do filme *Goldfinger*.

O fenómeno James Bond é complexo. É um «fenómeno de livraria» [78], dada a compra entusiástica que se verificou dos livros de Yan Fleming, «um fenómeno sociológico» [79], pois não há dúvida de que houve um vestuário, uma moda James Bond, e um «fenómeno cinematográfico» [80]: quando esteve em cena, as casas esgotavam-se todos os dias. Violette MORIN resolve pôr de parte a investigação completa do elemento «misterioso» que poderá explicar o sucesso bondiano e limita-se a analisar alguns aspectos do «mistério», através dos temas mais referidos na imprensa no momento em que aquele filme apareceu.

À pergunta «007: um herói imaginário ou vedeta do cinema?» [81], a imprensa responde: a personagem imaginária, J. Bond, e a real, Sean Connery, não têm uma existência independente. Os jornais nunca nos falam de um separado do outro, reportam-se sempre a ambos. A individualidade do actor confunde-se com a da personagem; por isso, James Bond Connery não é «nem um herói imaginário, nem uma vedeta de cinema» [82] — nele se ajusta completamente a dualidade, unidade neste caso, papel a desempenhar-actor que o desempenha. É, pois, esta «bicefalia do herói que permite e provoca o entusiasmo sem restrição» [83]. Para o público só existe James Bond Connery.

Será «007: um justiceiro de ontem ou de amanhã?» [84]. Enquanto voltado para o passado, J. B. Connery é aparentemente um herdeiro de Roland, o invencível e invulnerável, de um Lemmy

---

[77] Ver V. MORIN, «James Bond Connery: un mobile», *Communications*, n.º 6, Paris, 1966
[78] ID., *ibid.*, p. 88.
[79] ID., *ibid.*, p. 89.
[80] ID., *ibid.*, mesma página.
[81] ID., *ibid.*, p. 91.
[82] ID., *ibid.*, mesma página.
[83] ID., *ibid.*, p. 92.
[84] ID., *ibid.*, mesma página.

Caution, que sempre se saiu com êxito; está na linha dos Tarzans, dos heróis dos filmes policiais e dos Western [85]. Enquanto voltado para o futuro, «é uma espécie de herói da ciência-ficção, não sente a dor, é mecânico e cínico, faz prever o clima automático do futuro» [86]. Por um lado, parece assemelhar-se a muitos dos heróis que têm alimentado a imaginação das gerações, mas, por outro lado, foge a qualquer identificação, a qualquer comparação restritiva, a qualquer catálogo. Como um «símbolo sem conteúdo» [87], permanece sempre movediço perante qualquer tipo de herói, não é herdeiro directo de nenhum; é em vão que se lhe procurará uma filiação. Dado este seu carácter assistemático e escorregadio, foca o passado e o presente, é «mais do que um herói do dia, mais do que o 'chega na sua hora', é o herói de um instante muito confortável; volta-se para trás, vai para a frente. O sonho dos sonhos» [88].

Qual o seu partido: «007: da direita ou da esquerda?» [89] Que atitude e que posição política assume? Em que ideologia se filia? Por que causa combate? Este «herói que anda por toda a parte e sempre ao 'serviço de Sua Majestade' [90] é, no fundo, um agente secreto e também um detective-polícia fora de série» [91]. Quando mata, «mata sempre um malvado cuja malvadez é despersonalizável e internacionalizável» [92]. O que ele aniquila é o Mal, e nunca um mal particularizado, situado num espaço e num tempo. Sabemos que mata, conhecemos as técnicas e tácticas fantásticas de que se serve para matar, mas nunca obtemos resposta se queremos saber quem é que ele mata [93].

Existirá em «007: um cidadão inglês ou do mundo?» [94]. Sendo os seus autores ingleses, actuando Bond «ao serviço de Sua Majestade», apresentando-se com tipo fisiológico-político e especìficamente inglês, poderíamos pensar, se bem que erradamente, que estávamos perante um *gentleman* anglo-saxónico. Porém, acontece que, analisado mais profundamente, nele encontramos como que reunido um conjunto harmónico, um misto de europeu que domina o mundo, enquanto «unidade da Europa» [95], sem deixar de se servir do bom e útil que pode advir dos outros continentes.

«007: erotismo ou não?» [96] «J. B. Connery é fulminante no aspecto viril e igualmente sedutor no aspecto feminino.» [97] Nele se reúne «'o padrão de ouro' da confusão dos sexos» [98]. «As suas mulheres manifestam-se com uma energia que não é contraditória

---

[85] Ver V. MORIN, *op. cit.*, p. 92.
[86] ID., *ibid.*, p. 93.
[87] ID., *ibid.*, mesma página.
[88] ID., *ibid.*, mesma página.
[89] ID., *ibid.*, p. 94.
[90] ID., *ibid.*, p. 95.
[91] ID., *ibid.*, mesma página.
[92] ID., *ibid.*, mesma página.
[93] ID., *ibid.*, p. 96.
[94] ID., *ibid.*, mesma página.
[95] ID., *ibid.*, p. 97.
[96] ID., *ibid.*, mesma página.
[97] ID., *ibid.* p. 98.
[98] ID., *ibid.*, mesma página.

da sua feminilidade. Neste filme, as personagens — J. Bond e 'J. Bond girls' [99] — recuperam uma espécie de nudez essencial, em que só os sexos as distinguem, e não os acessórios diferenciados da elegância.» [100]

Outro problema: «007: um *robot* ou um homem?» [101] V. MORIN descobre que a «robotização de James Bond é, para a imprensa, a sua mais grave enfermidade» [102]. Ele é «o herói històricamente tipificado, o Anjo que combate o dragão: 'um dos arquétipos que Yung descobriu no inconsciente colectivo... O homem forte, herói todo-poderoso que triunfa do mal... arquétipo comum a todo o género humano', escreve C. Maurias» [103]; «ele é o único no mundo a ter resolvido de maneira satisfatória o complexo de Édipo... como escreve o *Newsweek*» [104]. Como vemos, a influência de FREUD e da escola psicanalítica faz-se sentir nas interpretações críticas. Nele, por conseguinte, o sucesso é atribuível a não ter necessidade de ser psicanalisado. Nem frustrações, nem complexos o perturbam; tem o autêntico domínio de si próprio, «é senhor de si como do universo» [105]. Tudo nele é harmonia; o afectivo, o volitivo e o intelectual estão perfeitamente sintonizados [106].

É pois de concluir: «007 — um equilíbrio.» [107] É o equilíbrio, a perfeita dosagem, de que fala Terence YOUNG que explica o sucesso deste filme e deste herói; da análise do conteúdo feita ressalta que James Bond Connery é uma justa medida.

Em «Sur la critique de la télévision», Michel TARDY começa por referir os problemas inerentes à crítica da TV, que se podem resumir assim: tendência para uma apreciação demasiado vaga e subjectiva ou exageradamente oca e precisa; dificuldades relativas «à lei draconiana da única apresentação das mensagens televisionadas» [108] — a que o crítico, como qualquer outro espectador, está sujeito; escolha geralmente de escritores para críticos de TV; «a impossibilidade de uma crítica individualizada dos programas» [109], dado que são inúmeros os assuntos que passam nos *écrans* e é impossível ser-se especialista em cada um; a alternativa de se elaborar o texto antes ou depois da emissão, com as naturais implicações.

No fim desta parte do estudo lê-se: «a crítica de televisão, em resumo, fornece-nos uma dupla série de dados psicológicos. Permite-nos estudar o comportamento de um telespectador particular: o crítico [...]; é, além disso, um documento em segundo grau, porque comporta nela mesma um sistema de representações mentais, quero dizer, a imagem que o crítico tem dos telespecta-

---

[99] Ver V. MORIN, *op. cit.*, p. 100.
[100] ID., *ibid.*, p. 99.
[101] ID., *ibid.*, p. 100.
[102] ID., *ibid.*, mesma página.
[103] ID., *ibid.*, p. 103. Citação transcrita neste artigo.
[104] ID., *ibid.*, p. 101.
[105] ID., *ibid.*, mesma página.
[106] ID., *ibid.*, p. 102.
[107] ID., *ibid.*, mesma página.
[108] Ver M. TARDY, «Sur la critique de la télévision», *Communications*, n.º 7, Paris, 1966, p. 41.
[109] ID., *ibid.*, p. 43.

dores e da televisão. Há em cada crítica o esboço de uma utopia televisual. Utopia não preparada na sua formulação, mas já desenvolvida enquanto sistema subjacente de valores. Analisar estas representações mentais, que são imagens directivas, parece-nos ser uma empresa útil, porque o programa de televisão está subordinado, em parte, à qualidade destas imagens.» [110]

Para completar este estudo teórico insere, em anexo, uma análise de «conteúdo de duas séries críticas» [111], uma feita no *Express* (Novembro-Dezembro de 1962) por M. LEBESQUE e a outra, da autoria de Jacques MAILLART, publicada durante o mesmo período de tempo no *France-Observateur*. Embora se verifique a existência em ambas de um núcleo comum, é também certo que se notam divergências entre elas: assim, a escolha da matéria a criticar diverge e na reflexão de J. MAILLART verifica-se a estruturação de uma crítica da própria crítica; por isso se limita a analisar «a imagem da televisão em Morvan Lebesque» [112].

Nota-se que este crítico se preocupa primordialmente com o seu destinatário. Neste aspecto, dá-se a influência da matéria a criticar sobre a crítica, isto é, os artigos reflectem o estilo comunicativo próprio da TV. O seu interlocutor desdobra-se: umas vezes dirige-se especìficamente ao telespectador; outras, porém, visa, de modo directo, a equipa encarregada dos programas, fazendo censuras e sugestões. E, por vezes, dialoga com jornalistas, animadores, etc. Verifica-se também, por este método, que o emprego da 2.ª e da 3.ª pessoa abunda, o que, aliás, é também vulgar nas emissões televisionadas.

À curiosidade natural em descobrir qual é, para este crítico, «o verdadeiro herói da televisão» [113], M. TARDY responde que é «o homem da rua» [114]. Para este, na verdade, tem as palavras mais afectivas, enquanto, ao contrário, mostra certo desprezo por «Monsieur Tout-le-Monde» [115], «esta personagem nula e colectiva a quem se chama... o francês médio e que não é, com efeito, senão o francês medíocre» [116], como se lê numa das suas críticas (8-11-62). O homem quotidiano, esse que em geral é esquecido, perante o qual é costume passar-se indiferente, adquire pela TV o direito a ser conhecido, nas suas preocupações e anseios, pelo que estes artigos constituem o esboço duma «crítica da vida quotidiana» [117].

Conclui, pela análise de conteúdo, que nesta interpretação há quatro pontos essenciais a ter em conta:

a) A «recusa do esteticismo visual» [118] — LEBESQUE censura toda e qualquer tentativa de «fazer bonito», imagens bem estudadas, procura do belo pelo belo;

---

[110] Ver M. TARDY, *op. cit.*, pp. 45-46.
[111] ID., *ibid.*, p. 46.
[112] ID., *ibid.*, p. 48.
[113] ID., *ibid.*, p. 49.
[114] ID., *ibid.*, mesma página.
[115] ID., *ibid.*, p. 50.
[116] ID., *ibid.*, mesma página.
[117] ID., *ibid.*, mesma página.
[118] ID., *ibid.*, mesma página.

b) O «desejo de *tornar jovens* as caras apresentadas» [119] — especialmente se se trata de representantes dos partidos políticos (verifica-se que tem muita influência na massa telespectadora o modo como estes se apresentam no *écran*);

c) O «problema da sinceridade televisual» [120] — isto é, a preocupação que deve haver de que o acontecimento seja filmado sem pré-juízos deturpadores ou falsas interpretações; o ideal será, pois, que os factos sejam apresentados com o máximo de isenção e neutralidade;

d) A «ideia de televisão como *reserva cultural*» [121].

4.2.2 Imprensa e literatura infantis

Ao estudar «as necessidades recíprocas do adulto e da criança» [122], Marie José Chombart de LAUWE anota, relativamente a esta, que os modelos apresentados pela literatura infantil ou pelos manuais de leitura são um dos meios que ajudam a criança a «compreender o que descobre a cada instante» [123] na sociedade em que se insere. O facto de neles aparecerem, lado a lado, crianças com comportamentos e *rôles* diferentes — passivas e dóceis ou independentes e activas — mostra como são contraditórias essas imagens e esses modelos.

Quando, já a propósito das «necessidades do adulto em relação à criança» [124], se refere à imagem da criança na literatura para adultos, verifica que aquela se identifica ou com o sonho, o irracional, a poesia e a fantasia [125], ou com uma «lógica implacável que recusa contos, mas tem necessidade de verosimilhança, de uma cultura eficaz que a prepare para o seu *rôle* futuro» [126]. Num como noutro caso, a criança não é encarada por ela mesma, mas pelo que representa de sonho do passado ou quimera do futuro. Há, pois, uma dicotomia entre as necessidades culturais da criança, tais como a sociedade as apresenta, e o que essa mesma sociedade tem como aspirações suas. Por isso é que é erróneo e falacioso estudar aquelas sem ter em conta estas.

Informa-nos que está em curso um «estudo destes modelos da criança no romance e na imprensa para crianças, na televisão e no cinema» [127]. As personagens escolhidas constituem um conjunto de 600 rapazes e 478 raparigas, se não se tiverem em conta as «sondagens efectuadas, a título comparativo, no século XIX e entre as duas guerras mundiais» [128].

No que respeita à actualidade, foi a partir de 21 colecções (de 12 editores) para os 7 aos 14 anos que os romances foram

---

[119] Ver M. TARDY, *op. cit.*, p. 50.
[120] ID., *ibid.*, mesma página.
[121] ID., *ibid.*, p. 51.
[122] M.-J. C. de LAUWE, «L'enfant et ses besoins culturels dans la cité contemporaine», *in* P.-H. C. e M. J. C. de LAUWE, S. MOLLO e outros, *op. cit.*, p. 39.
[123] ID., *ibid.*, mesma página.
[124] ID., *ibid.*, mesma página.
[125] ID., *ibid*, p. 41.
[126] ID., *ibid.*, mesma página.
[127] ID., *ibid.*, p. 42.
[128] ID., *ibid.*, mesma página.

escolhidos. O critério que presidiu a esta selecção assenta quer na importância da tiragem, quer no sucesso que a rodeou. O estudo incide sobre publicações divulgadas em 1961-62, isto é, durante um ano ou ano e meio (quando se trata de histórias que foram publicadas durante mais de um ano). Nos mais de 200 periódicos destinados a esta cidade acontece, muitas vezes, escassearem os modelos de heróis infantis, ao passo que são abundantes a lenda, as histórias de animais, as personagens adultas. Segundo informa, só em 45 jornais conseguiram encontrar matéria de análise, isto é, 147 raparigas e 152 rapazes. Ainda que o trabalho, no que respeita a jornais, esteja terminado, o mesmo não acontece com o romance e, quanto à televisão, o estudo tem sido feito a par do dos jornais, até porque muitas publicações reproduzem, em quadradinhos *(bandes dessinées)*, histórias da TV.

Embora provisórios, pois que o estudo ainda não terminou, os resultados são já de si reveladores de certos índices da sociedade francesa.

No que respeita à imprensa, nota-se que a maioria dos modelos apresentam crianças dinâmicas, independentes, com espírito de iniciativa, que não se subordinam servilmente à autoridade dos adultos e que representam para os leitores uma libertação perante a sociedade e os comportamentos que esta lhes impõe; há uma discordância entre tais modelos e os apresentados pelos manuais de leitura [129]. Encontram-se também mais heróis masculinos que femininos; há, pois, uma «masculinização» [130] da literatura infantil que se exprime de modos diversos. Assim, nos grupos de estrutura autoritária é sempre um rapaz quem os comanda, e nunca uma rapariga. A mãe é uma figura apagada, a «relação privilegiada é a relação pai-filho ou substituto paternal-criança. A relação mãe-filha é rara, mãe-filho quase ausente» [131] (no que respeita ao círculo familiar, o artigo apresenta um quadro estatístico [132], bem como dois quadros sobre o enquadramento geográfico, de que falarei seguidamente) [133]. Para explicar isto só parcialmente se pode encontrar resposta no facto de as histórias — aventuras, explorações, etc. — terem um conteúdo em que a mulher adulta não encontra, no geral, lugar. E escreve seguidamente que «este conjunto de factos traduz a flutuação das imagens da mulher na nossa sociedade e pode explicar, pelo menos em parte, a dificuldade das raparigas em se identificarem com (ou aceitarem) o seu sexo» [134]. Nesta linha de ideias verifica-se o desaparecimento de certos jornais especìficamente destinados a raparigas, o que denota um desinteresse dos homens por assuntos determinadamente femininos.

Por sua vez, a acção desenvolve-se, com frequência, no meio selvagem ou rural, propício à evasão. O *habitat* que rodeia o pe-

---

[129] Cf. S. MOLLO, «Participation de l'école à la formation culturelle de l'enfant», *in* P.-H. C. e M. J. C. de LAUWE, S. MOLLO e outros, *op. cit.*

[130] M. J. C. de LAUWE, *op. cit.*, p. 45.

[131] ID., *ibid.*, mesma página.

[132] ID., *ibid.*, p. 47.

[133] ID., *ibid.*, mesma página.

[134] ID., *ibid.*, p. 46.

queno herói raras vezes é urbano; a presença da natureza, quer no estado original, quer trabalhada pelo homem, é um índice objectivo de que se a quer envolver de um ambiente em que actualmente ela só fortuitamente vive, ambiente esse carregado de sentimentalismo e um tudo-nada rústico. Este corresponde mais, decerto, a um paraíso perdido pelo adulto que ao espaço vulgar da criança moderna. O adulto como que transfere para a literatura infantil os seus anseios, desânimos e frustrações.

Já a título de conclusão, sintetiza um conjunto de oposições existentes entre a vida quotidiana da criança e os modelos que lhe são oferecidos:

a) Discordância entre imagens e modelos, como, por exemplo, no caso da rapariga e da mulher (enquanto a rapariga se abre à aventura, ao policial, a mulher fecha-se em casa, limita-se ao lar) [135];

b) Contradição entre os modelos culturais e as estruturas sociais. Apresenta-se-lhe um meio campestre, quando este raramente a rodeia; além disso, as crianças das histórias são activas, enquanto, em casa ou na escola, só excepcionalmente o dinamismo é aceite e encorajado;

c) Não parece útil à formação do indivíduo fornecerem-lhe meios de evasão e subterfúgios individualistas pelo sonho e imaginação, pois se cria o hábito da recusa da participação em grupos, da procura de soluções desligadas de uma inserção social [136].

Pierre BLETON procura obter um conhecimento mais completo e objectivo sobre o Segundo Império [137], período muito rico pelos progressos e descobertas técnicas, pelas modificações económico-sociais, pela cultura.

Desta época histórica resta uma «pobreza de documentos» [138] e «só se encontram elementos estatísticos suficientes para se constituir em séries a partir de 1873» [139]. Daí o ter pensado que «seria frutuoso confrontar os documentos sociológicos dispersos com a informação dada por uma obra de literatura suficientemente representativa» [140].

A amostra é constituída por 20 livros da condessa de Ségur, publicados pela Hachette, entre 1857-69, na «Bibliothèque Rose» [141]. No conjunto, trata-se de mais de 200 personagens e cerca de 90 famílias. Estes livros, escritos para crianças, fornecem-nos uma documentação útil, tanto mais que se verifica que, embora neles, de início, as crianças pareçam viver num «mundo à parte» [142], depois

---

[135] M. J. C. de LAUWE, *op. cit.*, p. 46.
[136] ID., *ibid.*, pp. 49-50.
[137] P. BLETON, *La Vie Sociale sous le Second Empire — un étonnant témoignage de la Contesse de Ségur*, Les Editions Ouvrières, Paris, 1963 p. 6.
[138] ID., *ibid.*, p. 7.
[139] ID., *ibid.*, mesma página.
[140] ID., *ibid.*, mesma página.
[141] ID., *ibid.*, p. 8.
[142] ID., *ibid.*, p. 95.

o interesse se concentrou «nas relações existentes entre as crianças e os adultos» [143].

Em certos casos, para obter mais esclarecimentos, e no intuito de precisar as informações obtidas pela análise de conteúdo, serviu-se de «alguns cronistas de pequena ou grande história» [144], de literatura popular e de certos estudos científicos recentes sobre a dita época [145], do que resultou ter obtido um «panorama social muito expressivo» [146].

Esta obra estrutura-se em: vida quotidiana (alimentação, vestuário, habitação, instrução, higiene, divertimentos), condição social e rendimentos, concepção do mundo. Porque a matéria é extensa e, se a focasse toda, poderia correr o risco de cair na superficialidade, porque vítima de uma intenção panorâmica demasiado geral, prefiro escolher o tema — família, educação — e apresentar as informações principais que a este respeito a obra contém.

Em relação à mulher e ao casamento, verifica-se que os adultos só por excepção se encontram isolados, não integrados numa família [147]. É vulgar a juventude procurar casar-se e ter filhos. Devido à grande mortalidade e a viver-se raramente mais de 40 anos, as pessoas casam-se jovens; são frequentes as mortes por partos mal sucedidos e o voltar a casar é corrente. A diferença de idade entre marido e mulher é habitualmente grande e só se torna notada quando ultrapassa 20 anos. No campo, os jovens casam-se cedo: os rapazes aos 21 anos e as raparigas aos 16; nos meios mais elevados casam-se, de uma maneira geral, com mais idade.

Assim, verifica-se que, entre 22 raparigas, 17 se casam entre os 16 e os 21 anos e 5 entre os 25 e os 35 anos; entre 24 rapazes, 10 casam-se entre os 21 e os 25 anos, 10 entre os 27 e os 34 anos e 4 com 40 ou mais anos. Em 20 casamentos nota-se que a diferença entre marido e mulher é normalmente de 5 a 9 anos. Para a Autora, a idade ideal do casamento seria 20 anos para a mulher e 25 para o homem e a diferença de idade entre eles de 5 anos.

Embora seja inconcebível nesta sociedade a união de duas pessoas de origem social diferente, o convencionalismo está mais ausente do que o que se poderia supor. É curioso que «os rapazes fazem a corte às raparigas nos mesmos termos que emprega, ainda hoje, a imprensa sentimental» [148]. Os casamentos de conveniência são frustrados desde o começo, pois a ausência do amor é tida como destruidora da união conjugal. O que se espera da mulher é que tenha «qualidades de coração» e seja boa dona de casa. A esposa ideal terá, pois, «piedade, bondade, devotamento, ordem na casa, economia, modéstia na *toilette*» [149]. É necessário que haja, desde o início, sinceridade nos sentimentos, para que o casamento se rea-

---

[143] P. BLETON, *op. cit.*, p. 95.
[144] ID., *ibid.*, p. 8.
[145] ID., *ibid.*, mesma página.
[146] ID., *ibid.*, p. 9.
[147] ID., *ibid.*, p. 89.
[148] ID., *ibid.*, p. 92.
[149] ID., *ibid.*, p. 10.

lize com bons augúrios e se mantenha a felicidade. No entanto, verifica-se que são raros os casamentos que não perdem, com o decorrer do tempo, o clima inicial. A desilusão, a frieza, a indiferença, o hábito conquistam o ambiente familiar.

Nas relações entre marido e mulher é patente a inferioridade com que esta é considerada. Porém, é um facto que, em certos aspectos e sob certas perspectivas, se verifica que há uma tendência para se revalorizar a mulher e se ser mesmo, de algum modo, feminista. Por vezes aparecem expressões de uma certa emancipação da mulher — menos preconceitos na vida mundana e social, maior interesse pela leitura, preocupações de ordem intelectual, o que, até então, não era muito comum. Por exemplo, Gisèle *(Quel Amour d'Enfant!)* [150] toma atitudes que revelam libertação e fazem supor também que a Autora se serviu desta personagem, inquieta e reivindicativa dos seus direitos, com o intuito de transferir para os livros a «revolta que deve, por vezes, tê-la tentado, a ela e às outras mulheres do tempo» [151].

As relações entre marido e mulher passam-se num contacto um tanto ambíguo: os grandes problemas são postos mais vezes a um irmão que ao marido e as questões de educação nem sempre são discutidas pelos pais. O diálogo está quase ausente, a indiferença é grande, embora em certos casos já se antevejam modificações em «casais jovens e pouco tradicionalistas» [152].

As relações pais-filhos reflectem um misto de afeição e autoridade. Com efeito, descobre-se a existência de gestos de ternura e meiguice, mas, igualmente, o temor, o respeito devido aos mais velhos, a distância.

O nascimento dos filhos e a sua educação surgem como a sublimação vulgar da decepção trazida pelos anos de casamento. O casal procura superar o desentendimento por uma compensação. Da análise das 90 famílias contidas nesta obra conclui-se que, na generalidade, o número de filhos é reduzido, 2 em média [153]; não interessa dar um valor objectivo aos dados obtidos; no entanto, não se esqueça que reflectem «uma certa atitude perante a família e o tamanho 'normal' que a opinião pública lhe atribui» [154]. Há poucos exemplos de filhos únicos e a família grande ou muito grande não é vulgar — «ter muitos filhos não é apresentado como um dever» [155]; entre os dois primeiros filhos a diferença de idade é de cerca de 2 anos. A dimensão limitada da família explica-se, em parte, pela alta percentagem de mortalidade infantil. Mesmo assim, ela é considerada como o tipo de comunidade por excelência, onde as relações humanas se fazem com maior validade e autenticidade e onde a educação encontra o seu principal agente. Aí, o indivíduo forma o carácter, recebe os primeiros e fundamentais instrumentos de cultura.

---

[150] P. Bleton, *op. cit.*, p. 94.
[151] Id., *ibid.*, mesma página.
[152] Id., *ibid.*, p. 100.
[153] Id., *ibid.*, mesma página.
[154] Id., *ibid.*, p. 96.
[155] Id., *ibid.*, mesma página.

A condessa de Ségur insurge-se contra os castigos corporais, excessivos e severos, que eram normais nos métodos educativos da época. Critica a coacção, o rigor disciplinar de que se rodeava a criança, que era, assim, como que obrigada, desde pequena, a levar uma vida de adulto, ainda que alheia a responsabilidades, e de liberdade limitada [156]. Além disso, verifica-se que, certamente como escape, a criança reage à pressão do meio com caprichos, birras, teimosias. Ao respeito que prima sobre o amor responde com mentiras, egoísmo, frivolidade e preguiça [157].

A orientação pedagógica visa, em primeiro lugar, o equilíbrio e o domínio das paixões, ao passo que ao desenvolvimento intelectual é dada importância secundária [158]. A instrução está longe de ter um papel relevante: não é obrigatória nem gratuita [159]. No campo são muito poucos os adultos que sabem escrever. Porém, nas escolas há um desequilíbrio enorme entre o número de alunos e o pessoal docente em actividade. Uma formação técnica superior é quase inexistente; são as oficinas, principalmente, que assumem o encargo dessa preparação.

O clero, em geral, não se ocupa do ensino primário, se bem que haja internatos religiosos administrados e orientados por religiosos: jesuítas, dominicanos, etc. Nos meios ricos, os preceptores encarregam-se de fornecer aos alunos uma cultura humanística, enquanto as raparigas se limitam a estudos rudimentares. A instrução religiosa, quando se trata de estabelecimentos de ensino geridos por membros da Igreja, tem uma grande importância e ocupa uma boa parte do estudo.

Quanto ao ensino superior, as letras, o direito, a carreira diplomática e a política são tidos como os mais de acordo com a vida das classes privilegiadas. Neste caso, os diplomas são procurados mais como um «dever moral» [160] que como uma necessidade de trabalho — o rendimento profissional é tido na prática como muito subsidiário. A profissão de engenheiro é considerada impraticável na alta burguesia ou aristocracia e «está reservada aos filhos dos camponeses» [161].

Este modelo de família e de educação insere-se num certo tipo de estrutura social, sujeita a transformações e onde existe evolução. Como é natural, a família revela nela mesma o que se está a passar, em grande escala, nesta sociedade; ao ler-se esta obra, verifica-se também que a Autora se desloca, ao mesmo tempo, em esquemas «do mundo antigo e do mundo moderno» [162]. Nela, o que está para morrer e o que está a nascer procuram equilíbrio, acordo entre si, o que nem sempre é conseguido, pelo que representa bem o conflito, a tensão existente no ambiente social que a rodeia.

Quer na estrutura social que descreve, quer no modo como o faz, a condessa de Ségur dá-nos um testemunho-retrato da socie-

---

[156] P. BLETON, *op. cit.*, p. 97.
[157] ID., *ibid.*, pp. 98-99.
[158] ID., *ibid.*, p. 99.
[159] ID., *ibid.*, p. 26.
[160] ID., *ibid.*, p. 28.
[161] ID., *ibid.*, p. 29.
[162] ID., *ibid.*, p. 101.

dade do Segundo Império. Dado o seu realismo [163], esta sociedade aparece-nos ao vivo, com todas as características do pré-industrialismo e onde, simultâneamente, começam a emergir manifestações da mudança que ela própria anuncia: «sufrágio universal, instrução obrigatória, voto das mulheres [...], intervenção do Estado nos assuntos sociais.» [164]

Nela se reflectem e por ela se descobrem os sintomas de uma sociedade em movimento, em que novos valores aparecem, a composição das *élites* começa a ser outra, os privilégios cedem por vezes lugar à formação e ascensão dos menos favorecidos. As «*élites* antigas devem reformar-se ou sucumbir, as novas camadas sociais estão já prontas a tomar o lugar» [165]. A mobilidade social aumenta.

Como acabámos de ver, esta análise de conteúdo, já por si, já pela documentação que com ela se pode articular, demonstra a utilidade de trabalhos deste género.

4.2.3 Manuais de leitura

Até que ponto a escola primária é «criadora de necessidades culturais» [166]? Ao procurar responder a esta pergunta, Suzanne MOLLO apresenta o trabalho *Participation de l'école à la formation culturelle de l'enfant*. Dado que a escola é uma instituição social destinada a fornecer à sociedade os homens de que esta precisa [167], ela apresenta à criança certos modelos que se identificam com as necessidades culturais. Portanto, importa saber que tipo de sociedade é que lhe é apresentada.

A amostra compreende cerca de 800 textos escolhidos em 14 livros de leitura, editados entre 1956 e 1963. Escolheu-se esta amostra porque se tratava dos livros que estavam a ser utilizados em 10 escolas dos arredores de Paris quando se fez o inquérito: *Évolution du comportement scolaire des enfants dans différents milieux urbains* [168]. Dessas 10 escolas (curso médio — 1.º e 2.º ano da primária elementar), 6 pertencem a um grande conjunto habitacional e as outras 4 ficam perto de residências e imóveis de proporções modestas. Naturalmente, são as crianças das primeiras que sentem mais o divórcio vida-escola, o que aliás se verificou e está de acordo com o inquérito referido.

Esta análise de conteúdo começou por ser aplicada aos prefácios dos manuais de leitura; verifica-se que estes, contràriamente aos respectivos livros, são dinâmicos, revelam reflexos de evolução e tendências modernizadoras. Neste caso particular eliminou-se um livro de contos e outro que relata a vida de uma família. Todos estes manuais são formados por textos escolhidos [169]. Do ponto de

---

[163] P. BLETON, *op. cit.*, p. 114.
[164] ID., *ibid.*, p. 115.
[165] ID., *ibid.*, p. 116.
[166] S. MOLLO, *op. cit.*, p. 52.
[167] ID., *ibid.*, p. 53.
[168] ID., *ibid.*, p. 56, nota 6.
[169] ID., *ibid.*, p. 54.

vista pedagógico, mostra-se a intenção de se apresentarem textos vivos, que interessem aos alunos (este aspecto não é desenvolvido, pois está fora do objectivo do trabalho). Tendo-se presente o estudo de DANDURAND [170], descobre-se a preocupação constante pelo «valor social dos livros» [171]. Nesta amostra agrupam-se «dezanove tipos de intenções sociais» [172], das quais as mais importantes são: «abrir horizontes amplos e variados sobre os homens e as vidas que eles levam»; «inspirar-se em episódios recentes da vida escolar, familiar ou local que tenham chocado os alunos»; «fazer evoluir o mesmo tema em meios diferentes, países variados e épocas diversas» [173]. Continua a haver preocupações de ordem moral, se bem que exista o desejo de que tal se não mostre dogmàticamente, mas de um modo mais subtil. A «exploração das possibilidades emocionais das crianças» [174], que devem ser postas ao serviço das suas capacidades reflexivas e práticas, aparece também como importante. Como vamos ver, há um hiato entre as intenções dos autores e a realização das mesmas.

No que respeita aos textos pròpriamente ditos, verificou-se que o enquadramento geográfico preferido é o campo; na verdade, há 201 alusões ao meio rural para 53 a cidades; nestas, as mais vulgares são as pequenas cidades, mais semelhantes ao campo; as grandes cidades são excepcionais [175]. São abundantes as cenas ao ar livre. O homem da cidade vai ao campo à procura de calma, recuperar a paz perdida no reboliço urbano. O mar nunca aparece como local de férias, mas como ambiente de exploração heróica. O estrangeiro é pouco mencionado, «abre mais a vida à aventura que ao conhecimento objectivo» [176]. Em suma, o que se oferece à criança é «uma sociedade francesa e rural» [177].

Quanto à dimensão histórica, nota-se que os textos, retirados de obras antigas e célebres devido às suas qualidades literárias, mostram mais a sociedade que existia aquando da infância dos professores que aquela em que vivem os alunos.

O trabalho feminino é raro, a mulher está relegada à casa, à vida do lar, quando muito é professora primária, enfermeira, costureira. Os meios socioprofissionais mais descritos têm um denominador comum, são arcaicos e rurais: 19 camponeses, que trabalham com charruas, etc., 14 pastores, lenhadores, feitores de quintas, etc.; aparecem também 17 tipos de artífices. As profissões intelectuais mais descritas são a medicina (15) e o ensino (14); o professor é um pai ideal [178]. As profissões heróicas são inúmeras vezes referidas: soldados, alpinistas, aventureiros, etc. Aparece uma única manifestação artística: um artista de circo. A TV nunca é

---

[170] S. MOLLO, *op. cit.*, p. 55, nota 7.
[171] ID., *ibid.*, mesma página.
[172] ID., *ibid.*, mesma página.
[173] ID., *ibid.*, mesma página.
[174] ID., *ibid.*, p. 56.
[175] ID., *ibid.*, p. 57.
[176] ID., *ibid.*, mesma página.
[177] ID., *ibid.*, mesma página.
[178] ID., *ibid.*, p. 64.

mencionada. O mundo operário e urbano é descrito como sendo sombrio, sujo, triste; na oficina, na fábrica, perde-se a alegria que há no sol-a-sol agrícola. A indústria é fonte de miséria material e moral; o valor social do trabalho é esquecido, só se fala de concorrência e de satisfações morais.

A família é considerada o fundamento da sociedade, mas as relações entre pai e mãe são raras. A mãe é mal definida — personagem apagada, sentimental, discreta, «fada do lar». O pai é citado três vezes, em média, por cada livro. É o protótipo da sabedoria, da coragem, todo ele respira prestígio físico e moral; irrefutável nas conclusões, tem aparência rude. A criança aparece sempre na presença de um adulto, nunca só. É muito submissa e sem poder de decisão; quando reinvindica independência, cai em aventuras perigosas e sem sucesso. Por conseguinte, estamos perante uma família burguesa, que vive na sua grande casa rodeada de um jardim; a família urbana começa a aparecer, ainda que com poucas características definidas e definidoras. Só se fala de 8 famílias tìpicamente operárias, para 23 tìpicamente campestres.

Para se estudar a escola não se escolheram senão 32 textos, porque são os únicos que apresentam de modo explícito um modelo de escola e de escolar. A escola é um pequeno paraíso terrestre. A urbana é inferior à rural. A classe é toda uma massa anónima, sem dinamismo, toda passividade, escutando e obedecendo ao mestre. Este exerce um tal poder sobre o aluno que ele aprende em êxtase as lições.

Esta investigação leva-nos a inferir que existe uma distância imensurável entre o tempo vivido pelo aluno e o que lhe é apresentado. O ritmo em que se processa o seu dia-a-dia é completamente diferente daquele que lê nos manuais. A escola tenta adaptar a criança a um tipo de vida e de sociedade que já não existe, que pertence ao passado [179].

4.3 *Análise de conteúdo de imagens: exemplos*

4.3.1 Cinema

No artigo «Les héros des films dits 'de la Nouvelle Vague'» [180], os seus Autores apresentam «as conclusões de um estudo preliminar ao inquérito pròpriamente dito» [181] feito pela equipa francesa sobre os heróis dos filmes; esse inquérito integra-se num «estudo comparado das representações dos heróis dos filmes nas diversas produções nacionais» [182]; para isso é usado «por todos os participantes um inquérito e processos idênticos, de maneira a ser possível compararem-se os resultados obtidos por cada equipa nacional com os restantes» [183].

---

[179] S. Mollo, *op. cit.*, p. 64.

[180] C. Bremond, E. Sullerot e S. Berton, «Les héros des films dits 'de la Nouvelle Vague'», *Communications*, Paris, n.º 7, 1966, pp. 74-119.

[181] Id., *ibid.*, p. 143.

[182] Id., *ibid.*, p. 142.

[183] Id., *ibid.*, mesma página.

O facto de haver um inquérito e três inquiridores revela a exigência de rigor que foi posta nesta análise de conteúdo e confere maior objectividade aos resultados.

Para o efeito, «em cada país, a produção cinematográfica (ou, pelo menos, um escalão suficientemente representativo dessa mesma produção) é analisada por um grupo de três inquiridores» [184], que deverão ver os filmes as vezes necessárias ao preenchimento do questionário. Este divide-se em duas partes: uma relativa aos caracteres dos filmes (600 respostas possíveis), outra respeitante aos caracteres de cada herói (900 respostas possíveis) [185].

No caso francês, a amostra escolhida compreende 59 heróis de 18 filmes N. V. (se não comporta todos os filmes Nouvelle Vague, inclui, pelo menos, a «medula da tendência») [186] e um número semelhante de heróis de 22 filmes G. T. (escolhidos ao acaso entre os que estavam em cena, respeitando as proporções entre os três grandes géneros: comédia, aventura, drama. G. T. é a abreviatura de «grupo-testemunho»).

Começou-se por estabelecer os caracteres gerais dos dois grupos:

Época de acção. — Os N. V. reportam-se ao «presente imediatamente contemporâneo à realização» [187], o que revela gosto pela actualidade. O presente aparece como completamente diferente de todo e qualquer passado. Nada se lhe iguala. Os temas não actuais são postos de lado. Renuncia-se a usar o passado para compreender o presente. Não se aceita a continuidade histórica, a permanência. Nos G. T. aparecem épocas mais antigas; há uma crença na eternidade e na constância entre as épocas e os problemas.

Localização da intriga. — Os N. V. recusam o exotismo dos lugares, o real é considerado aqui e agora, «a aventura está à esquina da rua, não mais além» [188]. Os G. T. apresentam outros temas e outras gentes.

A vida privada, os problemas enfrentados, constituem as situações que os N. V. focam, enquanto os G. T. se reportam a um mundo hostil, de revoluções, guerras, etc.

A duração da acção. — Nos G. T. é de um longo espaço de tempo; nenhum filme apresenta um tema cuja acção cubra menos de 48 horas e em sete a acção decorre em mais de um ano. Por seu lado, o período dos N. V. é reduzido; em sete filmes a acção desenrola-se em menos de 48 horas e só num em mais de um ano. Aqui vive-se o minuto que passa. Não interessa o ontem nem o amanhã.

Vejamos agora as conclusões tiradas *quanto aos heróis*. O número e a importância destes varia nos dois grupos: nos G. T. destaca-se um herói principal, à volta do qual tudo gira. Nos N. V. há

---

[184] C. BREMOND, E. SULLEROT e S. BERTON, *op. cit.*, p. 142.
[185] ID., *ibid.*, pp. 142-143.
[186] ID., *ibid.*, p. 143.
[187] ID., *ibid.*, p. 146.
[188] ID., *ibid.*, p. 147.

um número elevado de heróis, ignora-se o culto da personalidade, é quase nulo o valor dado à vedeta.

Para 94 heróis e 25 heroínas nos N. V. temos 39 heróis e 20 heroínas nos G. T. No primeiro caso são raros os temas de aventura e epopeia. Há uma concentração nos assuntos sexuais e dá-se maior importância às mulheres, que não são relegadas a *rôles* secundários.

Relacionando-se os filmes N. V. e G. T., verifica-se a tendência actual para o rejuvenescimento dos heróis (N. V., 38 com menos de 30 anos e 22 com mais idade; G. T., 26 com menos de 30 anos e 36 com mais).

Nos G. T., os heróis são sempre brancos e quase todos franceses, ao passo que nos N. V. nota-se um certo cosmopolitismo — gente de cor, estrangeiros, se bem que quase sempre o herói principal seja francês.

Neste grupo, os heróis activos e organizadores são raros, o que lhes interessa é o instante, não têm nem memória, nem projectos. Os do G. T. mostram-se exemplares, com qualidades excepcionais; neles à lucidez junta-se a energia.

O herói dos N. V. não inspira uma simpatia imediata, é neutro ou ambivalente, é o homem concreto, não motiva admiração; quer evitar a dependência, a atribuição de valores, o julgar do espectador. Para nenhum herói que crie simpatia ou admiração nos N. V. existem 11 nos G. T. Aqui, na verdade, eles são simpáticos e idealizados; as suas acções são feitas de altruísmo, de piedade e de pena, enquanto no outro grupo se reivindica um «egoísmo rigoroso» [189].

Relativamente aos *grandes temas,* há também várias diferenças. Nos N. V. há uma predilecção pelo luxo, bons hotéis, castelos, estações balneares na moda. Nos dois grupos, um terço dos heróis são ricos ou mesmo muito ricos, mas nos N. V. não se notam preocupações com o dinheiro, pois não é considerado um valor essencial. Nos G. T., a profissão e os problemas que esta levanta são considerados importantes; pelo contrário, nos N. V. tudo decorre numa preguiça trágica; a energia e a eficácia cedem lugar ao lazer.

«A noção de justiça e a de responsabilidade perdem todo o significado» [190], «situa-se no mesmo plano o absurdo do crime e a sanção» [191], isto nos N. V. Nos G. T. aparece «a ilegalidade que resulta de se recusar a submissão a uma legalidade injusta ou usurpada» [192].

Enquanto a camaradagem e a amizade têm importância na vida de 25 heróis G. T., isso só acontece em 10 dos N. V. Naquele grupo, a solidariedade conta; neste tem um papel reduzido, o que importa é manter-se uma vida sem compromissos — recusar tudo o que possa limitar a liberdade individual.

Contra o espírito de família dos filmes G. T. reagem os N. V. Como célula social, ela está morta, a infidelidade conjugal é regra.

---

[189] C. BREMOND, E. SULLEROT e S. BERTON, *op. cit.*, p. 159.
[190] ID., *ibid.*, p. 164.
[191] ID., *ibid.*, p. 166.
[192] ID., *ibid.*, p. 163.

As relações sexuais amorosas estão fora do âmbito matrimonial. A precariedade do casamento é um facto. Há uma sexualização completa dos heróis masculinos. O acto sexual não compromete. Não há qualquer preocupação pela ligação duradoira. Nos G. T. raramente são apontados comportamentos sexuais.

O número de heróis que morrem no fim do filme é quase igual nos dois grupos, se bem que nos N. V. haja mais pessimismo e cepticismo perante a felicidade.

Com efeito, pode-se concluir, a partir dos elementos fornecidos por esta análise de conteúdo, que há uma grande diferença entre estas duas gerações cinematográficas. Como o cinema é mais do que um fenómeno de produtores e realizadores, é permitido concluir-se, generalizando, que no fundo a diferença entre duas gerações é patente.

4.3.2 Capas de uma revista

Claude FRÈRE, em *Les Couvertures de «Paris-Match»*, procura conhecer a complexidade sociológica inerente ao fenómeno *Match* [193] — tão intenso que em França a terça-feira *(mardi)* é o «dia *Match*» [194] — a partir da análise de conteúdo das capas desta revista (53 números de 1960: do n.º 560 ao n.º 612). A capa tem uma função muito importante: resume e exalta o que durante a semana foi notícia. Sumária e atraente, ela procura captar a atenção do consumidor.

Esta investigação permitiu que se verificasse o seu aspecto humano: 52 das 53 capas referem-se, pelo menos, a uma personagem humana, célebre ou anónima, das quais 42,03 % são homens e 57,97 % são mulheres. Além de humana, tem também um aspecto frívolo: 49 % referem-se a príncipes e reis, 28 % a vedetas, 3,7 % ao desporto, 13 % à política (5 % francesa e 8 % internacional) [195].

Por exemplo, ao romance do imperador da Pérsia e de Farah Diba foram dedicadas 5 capas: casamento, gravidez da princesa, berço do herdeiro, o príncipe-bebé e o retrato da família real [196].

O Autor transcreve certas cartas enviadas ao *Paris-Match;* nelas se nota a reduzida exigência dos leitores, a sua frivolidade, o seu desinteresse pelos grandes problemas [197].

Sabe-se, por um inquérito privado, que 20 % dos leitores só consagram a esta revista 1 hora e meia por semana e 49 % menos de 2 horas [198]. Daí que se procurem assuntos ligeiros, actualidades. Importa é que a imagem fale tanto ou mais que o texto.

Há a preocupação de evitar aborrecimentos aos leitores, choques desagradáveis. Enfim, tudo concorre para que consiga agradar, agradar sempre. As personagens são jovens: 92,8 % têm

---

[193] Cf. C. FRÈRE, «Les Couvertures de 'Paris-Match'», *Communications*, Paris, n.º 1, 1961, p. 194.
[194] ID., *ibid.*, mesma página.
[195] ID., *ibid.*, p. 195.
[196] ID., *ibid.*, p. 200.
[197] ID., *ibid.*, p. 197.
[198] ID., *ibid.*, p. 198.

menos de 60 anos, 88 % menos de 40 anos, 39,1 % menos de 30 anos, 47 % entre 30 e 40 anos [199]. «Qualquer que seja a idade da personagem, o seu aspecto físico é sempre gracioso, quer pela regularidade dos seus traços, como é o caso das vedetas, quer pela nobreza do seu aspecto, como é o caso dos reis, rainhas ou príncipes, quer ainda pela personalidade viva que se exala de todo o seu ser, como é o caso dos grandes políticos (De Gaulle).» [200] «As histórias podem ser tristes desde que sejam belas» [201], o que importa é saber submeter a realidade à transformação necessária para que se agrade ao leitor. Este precisa de evasão, de esquecer a dureza do dia-a-dia, procura descanso, calma, uns minutos de lazer.

Por isso os seus temas são «temas eternos»: amor, maternidade, família, morte [202]. Mas todos, mesmo aqueles que são mais densos e profundos, são tratados sob um aspecto «leve». Interessa agradar ao maior número de pessoas, sem compromissos, sem posições definidas, sem participação nos factos.

«Pouco importa, pois, que o *Paris-Match* colore a seu bel-prazer a actualidade, amanse a política rebarbativa, espalhe as suas pingas de água-de-rosas sobre a Europa ou fora dela, pois que, na realidade, apresentando assuntos leves, trata os problemas permanentes da nossa sociedade» [203], escreve o Autor ao terminar este artigo.

5. Conclusão

Como acabámos de ver, os resultados obtidos mediante a análise de conteúdo — informações, pistas de observação, hipóteses confirmadas — revelam-se sem dúvida fecundos. É incontestável que a utilidade desta técnica está intimamente relacionada com os progressos — metodológicos e técnicos, teóricos ou práticos — da mesma. Quando falamos em fecundidade, não nos limitamos à que é inerente, em exclusivo, à investigação pura e ao «trabalho de gabinete». Queremos referir-nos também à projecção que os dados fornecidos podem ter na acção — combater ou alimentar ideologias, detectar tácticas diplomáticas, fazer propaganda política, estruturar metodologias educacionais, descobrir e aplicar processos de socialização, conhecer os seus mecanismos, agir sobre motivações e comportamentos (de pessoas ou sociedades), etc. [204]

Na verdade, por exemplo a análise do conteúdo de um manual de ensino poderá ser feita sem qualquer intenção prática, pedagógica, educacional, política, ou então conter em si mesma uma orientação nova a dar à matéria, a indicação de métodos a experimentar e a empregar, a integração de objectivos precisos de todo um programa social e político a ser realizado.

---

[199] C. FRÈRE, *op. cit.*, p. 199.
[200] ID., *ibid.*, p. 200.
[201] ID., *ibid.*, p. 201.
[202] ID., *ibid.*, p. 202.
[203] ID., *ibid.*, mesma página.
[204] Cf. A. A. MOLES, *op. cit.*, p. 293.

É de notar igualmente que «alguns dos mais importantes meios de comunicação de massa utilizam já sistemàticamente os seus resultados, isto é, os resultados obtidos por este método no estudo das motivações»; e A. A. MOLES prossegue: «ao nível da linguagem, que mostrámos ser, em si mesma, um canal cultural autónomo, subjacente aos outros canais, que fazem uso dela para transportar mensagens feitas de palavras, existem sondagens permanentes, inventários culturais, tais como, por exemplo, o 'conselho de redacção' das edições sucessivas dos 'grandes dicionários', de que o mais conhecido em França é o *Larousse* e o mais rigoroso é o da Academia Francesa, na Alemanha, o *Duden,* na Inglaterra, o *Oxford Dictionary.* Os conselhos de redacção destas obras têm, muito precisamente, a preocupação de constituir a cada instante um inventário tão realista quanto possível da evolução dos materiais da linguagem e da cultura verbal.» [205]

Esta técnica, no campo das ciências sociais, pretende ser um meio capaz de detectar valores sociais, imagens, modelos ou símbolos empregues pelos emissores culturais e, igualmente, aferir o grau de sintonização daqueles com os interesses, motivações, aspirações da sociedade a que se destinam. É possível, mesmo, captar tar a ideologia ou ideologias subjacentes à comunicação e averiguar da sua correlação com a (ou as) da sociedade, assim como ver até que ponto existe um desnível entre o que se transmite ou se quer transmitir e o que se vive — a realidade quotidiana do todo humano a que se dirige a comunicação (texto, filme, etc).

É evidente que apresenta limites: uns, inerentes a questões metodológicas; outros, provenientes das aplicações práticas. Para se resolverem uns e outros será necessário, primeiro que tudo, detectarem-se as principais dificuldades que ela levanta e procurarem-se depois as vias de solução. Um caso típico de uma tentativa deste género foram as conferências realizadas em 1955 na University of Illinois in Monticello, Illinois, pelo Comittee on Linguistics and Psychology of the Social Research Council, de que o volume *Trends in Content Analysis* [206] nos dá informações. Por um lado, pela leitura desta obra verifica-se que esta técnica tem sido e pretende ser aplicada a diversos tipos de conteúdo (biográfico, psicológico, linguístico, histórico, etc.); por outro lado, em cada uma das comunicações ressaltam as dificuldades e as exigências que esta técnica encontra em cada uma dessas áreas particulares.

Junho de 1971.

---

[205] Cf. A. A. MOLES, *op. cit.*, p. 293.

[206] Cf. J. Sola POOL, *Trends in Content Analysis*, University of Illinois Press, Urtens, 1959, p. 1.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA SOBRE A TÉCNICA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

BERELSON, B., «Content Analysis», *in* Gardner LINDSEY, ed., *Handbook of Social Psychology*, vol. I, Harvard University Press, 1954, pp. 488-522.

BOILLUT, J., «Une méthode de morcellement des textes en analyse de contenu», *Psychologie Française*, 9, Paris, 1964, pp. 241-256.

BUDO, R. W., THORP, R. K., e DONO HEU, L., *Content analysis of communication*, The MacMillan Company, Nova Iorque — Collier, MacMillan, Limited, Londres, 1967.

HENRY, P., «Analyse de Contenu, connaissance scientifique et language documentaire: questions méthodologiques», *Bulletin du CERP*, Paris, 16 (3), 1967, pp. 245-263.

HOLZMANN, M. B., e HARWAY, N. I., «A computer approach towards the analysis of content», *Behavoir Scientist*, 10 (2), 1965, pp. 173-182.

JANOWITZ, M., «Análisis de contenido y estudio del ambiente simbólico», *Revista Española de la Opinión Pública*, Madrid, 12, 1968, pp. 153-168.

JANSEN, B. D., «A system for content analysis by computer of international communications for selected categories of actions», *American Behavior Scientist*, 9 (7), 1966, pp. 28-36.

LASSWEL, H. D., «The uses of content analysis date in studying social changes», *Social Scientist Information*, 7 (1), 1968, pp. 57-70.

LAZARSFELD, P., BERELSON, REGAUDET, *The People's choice. How the voter makes up his mind*, A Presidential compaign, Nova Iorque, Columbia University Press, 1949.

LINCH, M. D., e MERRIL, J. C., «Content Analysis. A probabilistic approach», *Journal of Communications*, 18 (2), 1968, pp. 151-159.

PECHEUX, M., «Analyse de Contenu et Théorie du discours», *Bulletin du CERP*, Paris, 6 (3), 1967, pp. 97-115.

PINTO, R., e GRAWITZ, M., *Méthodes des Sciences Sociales*, vol. II, Dalloz, Paris, 1964, pp. 497-537.

SILBERMANN, A., «L'analyse de contenu systématique», in *Techniques de Diffusion Collective*, Bruxelas, 78, 1962, pp. 15-52.

SOLA POOL, I., *Trends in content analysis*, University of Illinois Press, Urtens, 1959, p. 244.

STONE, P. J., DUMPHY, D. C., e BERNSTEIN, A., «Content Analysis Applications at Simulnatics», *American Behavior Scientist*, 8 (9), 1965, pp. 16-18.